

KARINA VASCONCELOS BASTOS CLARA

A VARIAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

**CURSO: LÍNGUA PORTUGUESA, COMPREENSÃO E
PRODUÇÃO DE TEXTOS
TURMA: FEVEREIRO/2008
ORIENTADOR: LUIZ ROBERTO WAGNER**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
• NÚCLEO DE APOIO DE MOEMA
JABOTICABAL - SP**

KARINA VASCONCELOS BASTOS CLARA

A VARIAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a Janaína

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE MOEMA
JABOTICABAL – SP**

Dedico

À minha família que sempre me apoiou em minhas decisões.

“... o tempo altera todas as coisas;
não existe razão para que a língua
escape a essa lei universal.”
Ferdinand de Saussure.

INTRODUÇÃO

A Variação da Língua Portuguesa ocorreu em todo o momento de sua formação e estruturação. Ao olharmos ao passado, vislumbramos a língua-mãe, o latim, e podemos concluir que ao longo dos tempos até os dias de hoje, percebemos o quanto ocorreu de mudanças em nossa língua.

Analisando a Língua Portuguesa observamos o quanto é heterogênea, fruto da diversidade de culturas que influenciaram em sua formação. Toda esta mudança inerente à Língua é percebida não só ao longo do tempo, como também nos diferentes espaços geográficos, camadas sociais e na própria Língua culta.

De acordo com Celso Ferreira da Cunha (1992), ao traçarmos a linearidade histórica de nossa “língua brasileira”, notamos que essa origina-se da língua portuguesa e, esta, do latim, que se entronca na grande família das línguas indo-européias.

1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

O latim, inicialmente, era o meio de comunicação de um povo que vivia na costa oeste Península Ibérica (atual Portugal e região espanhola da Galícia), vindo com o tempo a firmar-se como principal meio de comunicação na Civilização Ocidental.

Desde o século III a.C., sob a benéfica influência grega, o latim escrito com intenções artísticas foi sendo progressivamente apurado até atingir, no século I a.C., a alta perfeição da prosa de Cícero e César, ou da poesia de Horácio e Virgílio. Em conseqüência, acentuou-se com o tempo a separação entre essa língua literária, praticada por uma pequena elite, e o latim corrente, a língua usada no colóquio diário pelos mais variados grupos sociais da Itália e das províncias.

Com a invasão romana na Península no século I até o século IX, há um idioma que é uma variante entre o latim vulgar e as línguas latinas modernas. Esta variante continua sendo usada pela população, mesmo depois da invasão moura no século VI, que obrigou as regiões conquistadas a terem como língua oficial o árabe.

No início do século XI, inicia-se a reconquista cristã na Península Ibérica e o galego-português consolida-se como língua falada e escrita. Teremos, após este

fase de transição, por volta do século XII, teremos os primeiros documentos em galego-português.

Com o avanço do cristianismo para o Sul ocorre a mescla do dialeto galego-português com o árabe do sul, iniciando-se um processo de diferenciação da língua. A separação entre o galego e o português se dá com a Independência de Portugal (1185).

O mais antigo documento escrito em Língua Portuguesa que se conhece, data de 1175 e consiste num apontamento pessoal que descreve onze dívidas, nomes das pessoas e os «soldos» a pagar. Designado por «Notícias de Fiadores», este pergaminho foi descoberto apenas há dois anos nos Fundos do Mosteiro de São Cristóvão de Rio Tinto.

Importante também é o Testamento de D. Afonso 11, datado de 27 de Junho de 1214 e que é considerado o primeiro documento oficial em Língua Portuguesa, encontrando-se escrito em letra carolino-gótica. No entanto, há ainda a referir outros documentos da mesma época, nomeadamente a «Notícia de Torto», um relato das malfetorias de qual foi injustamente vítima Lourenço Fernandes da Cunha por parte dos filhos de Gonçalo Ramires. Trata-se de uma minuta ou rascunho, dado que não está assinado nem datado.

De referir ainda é o «Livro Velho das Linhagens de Portugal», algumas Cantigas de Amor do rei D. Dinis - escritas entre 1290 e 1310 -, e o «Livro de Josep ab Arimatia».

Muitos lingüistas defendem a unidade do galego-português até os dias de hoje. Segundo este ponto de vista, o galego e o português modernos seriam parte do mesmo sistema lingüístico, com regras distintas, como Estados Unidos e Inglaterra, onde algumas palavras tem ortografia diferentes. A posição oficial da Galiza é considera-las línguas autônomas, embora com alguns pontos em comum.

Por conta das grandes conquistas dos Séculos XV e XVI pelos portugueses a sua língua teve grande disseminação pelo mundo, em várias regiões da Ásia, África e América, onde recebeu influências locais importantes.

O fim deste período de consolidação da Língua – Português arcaico é marcado pela publicação do Cancioneiro Geral de Garcia de Resende, em 1516.

No século XVI, com o aparecimento das primeiras gramáticas, temos uma evolução da morfologia e da sintaxe, entrando assim a Língua em sua fase moderna, com a Publicação de *Os Lusíadas*, de Luis de Camões, em 1572.

Hoje, temos uma diferença relevante entre a Língua Portuguesa de Portugal e o do Brasil, por conta de fatores sociais, geográficos e históricos, fatores decisivos, para mais variações na Língua Portuguesa, desde a época da colonização.

Quando do descobrimento do Brasil pelos portugueses, segundo especialistas, existiam cerca de 1.000 línguas no país, utilizadas por arborígenas de variadas etnias.

Assim, a colonização portuguesa começou gradativamente pelo litoral, a partir de 1532, com a instituição das capitanias hereditárias. Neste período, diversas comunidades indígenas viviam na região litorânea entre a Bahia e o Rio de Janeiro. Os portugueses pela necessidade de estabelecer um elo de comunicação com os nativos, acabaram por aprender seus dialetos. Foi a partir do tupinambá que surgiu uma língua entre índios e brancos, que foi a principal influência na formação do idioma de nosso país.

Verificamos a predominância do idioma português a partir da segunda metade do século XVIII, após o número de imigrantes ter aumentado significativamente por conta da mineração no interior do país.

Em 17 de agosto de 1758, a língua portuguesa tornou-se idioma oficial do Brasil, através de um decreto do Marquês de Pombal, que também proíbe o uso da língua geral. No ano seguinte, os jesuítas, que haviam catequisado os índios e produzido literatura em língua indígena, foram expulsos do país por Pombal. Firmase, assim, definitivamente o português como o idioma do Brasil. Entretanto, ficamos com diversas palavras do indígena, como: abacaxi, mandioca, caju, tatu, bem como nomes próprios e geográficos.

Outra influência importante foi a dos escravos negros, que incorporaram à seu dialeto o Português, contribuindo para enriquecer nosso idioma. Temos hoje incorporado em nosso idioma palavras de origem africana, como: macumba, cachaça, moleque, quindim, jiló, cochilo, tanga, etc.

Após todas estas etapas, o idioma havia evoluído e sofrido mudanças, graças a todas estas influências, e, principalmente, à diversidade cultural. Alguns estudiosos afirmam que as influências não se restringiram apenas ao vocabulário. Jacques Raimundo, em *O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa*, aponta algumas mudanças fonéticas, iniciadas na fala dos escravos, que ainda se mantêm em algumas variedades do português do Brasil: as vogais médias pretônicas "e" e "o" passam a ser pronunciadas como vogais altas, respectivamente "i" e "u" (mininu,

nutiça); as vogais tônicas de palavras oxítonas terminadas em "s", mesmo as grafadas com "z", se tornam ditongos (atrais, mêis, vêis); a marca de terceira pessoa do plural, nos verbos do pretérito perfeito, se reduz a "o" (fizero, caíro, tocaro).

Os colonizadores portugueses trouxeram para o Brasil a cultura e a Língua Portuguesa, essa foi sendo enriquecida ao longo do tempo.

Com a Declaração da Independência do Brasil, novos imigrantes chegaram ao nosso país e tornaram-se, também, responsáveis pelas "novas" variedades que surgiram no idioma e pelas diferenças regionais existentes hoje no Brasil. Como exemplo, temos:

- origem árabe: álcool, algarismo, café, alfaiate, etc.
- origem francesa: abajur, champanhe, manchete, omelete, chique, garage, etc.
- origem inglesa: clube, xampu, estresse, futebol, gol, short, etc.

No século passado, a distância entre o idioma de Portugal e o do Brasil aumentou em razão dos avanços tecnológicos, pois não foi de maneira uniforme a incorporação de diversos termos à língua, alguns passaram a ter significados diferentes nos dois países.

No início do século com o movimento romântico, valoriza-se o nacionalismo e o individualismo, o que caracterizou, ou melhor incentivou, a literatura nacional a valer-se da nossa variação de Língua Portuguesa, argumento utilizado por muitos modernistas que, em 1922, defendia o rompimento entre as duas Línguas e privilegiar a nossa maneira de usá-la.

2 VARIAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Após estudarmos a variação da Língua Portuguesa, estamos certos de que a evolução da língua vem desde sempre, e tudo indica que vai continuar. E mais ainda, a evolução perpassa pela diversidade que é a transitoriedade da língua.

Ocorreu com o latim, que se estruturou em duas vertentes durante seu processo evolutivo: o latim clássico, falado por uma minoria de grandes escritores e o latim vulgar, que pela extensa população usuária se difundiu rapidamente. E o mesmo com a Língua Portuguesa, em que se distanciaram os falares do Brasil com o de Portugal.

E hoje, no Brasil, é irreal querer igualar a Língua Portuguesa devido a muitos fatores como: social, histórico, geográfico e cultural. Portanto, percebemos que são vários os fatores que contribuem para a variação do idioma.

Ao constatarmos a renovação da língua, muita vezes, mesmo sabendo que é incontestável seu dinamismo, mas mesmo assim percebemos dificuldades de coexistência dos múltiplos falares; percebemos que há preconceito lingüístico, que acabam em embates de diferentes grupos.

O latim se modificou para se adequar à extensão do território dominado pelos romanos. E o português que chegou a nossas terras não permaneceu o mesmo por diversas influências, como já citamos.

2.1 Variações: A Multiformidade Da Língua.

Em uma aplicação culta da linguagem podem ocorrer formas diferentes, uma vez que variam no espaço – variação diatópica –, no tempo – variação diacrônica – e no indivíduo.

Ao encontrarmos pessoas de regiões diferentes do Brasil, não raro nos deparamos com expressões lingüísticas diferentes. Na fala do interior de São Paulo, o r é retroflexo, como em porta, celular; já na região Nordeste temos o uso das vogais o e e abertas, como em Rónaldo, semente.

Segundo CAMACHO(1988) existem múltiplos fatores originando as variações, as quais recebem diferentes denominações. Eis alguns exemplos:

- Dialeto – variações faladas por comunidades geograficamente definidas. Idioma é um termo intermediário na distinção dialeto-linguagem e é usado para se referir ao sistema comunicativo estudado quando sua condição a iguala a linguagem.
- Socioleto – variações faladas por comunidades socialmente definidas. É a linguagem padrão estandardizada em função da comunicação pública e da educação.
- Idioleto – é uma variação particular, isto é, o vocabulário especializado e/ou a gramática de certas atividades ou profissões.
- Etnoleto – variação para um grupo étnico.

- Ecoletos – um idioleto adotado por uma casa.

É inegável as diferenças que existem dentro de uma mesma comunidade de fala. Resultantes das diferenças sociológicas tais como educação do indivíduo, sua profissão, grupos com os quais convive, enfim, sua identidade. Tudo isso pode interferir e operar como modelador à fala de alguém.

2.2 Dimensões que propiciam as variedades

2.2.1 Variação histórica

Toda a alteração/variação ocorre com o passar do tempo. Podemos observar que textos dos séculos passados utilizam termos presentes até os dias de hoje. Alguns termos se tornaram obsoletos, outros permaneceram, mas com algumas alterações. Como exemplo, citamos o desuso de expressões com mesóclise: constatamos sua estranheza quando alguém lê trechos bíblicos com uma linguagem mais antiga.

Todo o processo de mudança vem da necessidade da própria comunicação. Entretanto, a mudança é gradativa. Primeiramente, apenas, um grupo utiliza-se de determinada expressão que passa a ser adotada por um grupo maior, até que se tornam norma, utilizada por toda a sociedade e tida por correta.

As mudanças no decorrer do tempo podem ser de significado – como exemplo: vazar, além de todos os significados encontrados no dicionário, também é usado com o sentido de sair furtivamente –; e grafia – êle, tôdas (perderam o acento), cousa (escrita amplamente coisa).

2.2.2 Variação geográfica

O Brasil apresenta um vasto território, caracterizado por regiões geográficas diversas. Com isso temos diferentes formas de pronúncia, vocabulário e estrutura sintática.

Os estudos dialectológicos de caráter científico iniciaram-se no Brasil com o Dialeto caipira, de Amadeu Amaral, publicado em 1920. O trabalho de Amadeu Amaral teve o mérito de chamar a atenção para a importância e a urgência de uma recolha sistemática dos nossos falares, condenados a perecerem pela progressiva

nivelação cultural. Foi ele quem animou as pesquisas de Antenor Nascentes sobre o linguajar carioca (1922) e outras que se lhe seguiram.

Entre as divisões propostas em caráter provisório, sobressai a de Antenor Nascentes, fundada em observações pessoais colhidas em suas viagens por todos os Estados do País.

Antenor Nascentes dividiu o falar brasileiro em seis sub-falares que reuniu em dois grandes grupos os quais foram chamados de Norte e Sul.

Basta uma singela frase ou uma simples palavra para caracterizar as pessoas pertencentes a cada um destes grupos. Eles estão separados por uma zona que ocupa uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país. Esta zona se estende, mais ou menos, da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até o Estado de Mato Grosso.

Para Nascentes o falar do Norte e do Sul apresenta traços diferenciadores fundamentais: a abertura das vogais pretônicas no Norte em palavras que não sejam diminutivos nem advérbios terminados em -mente; a cadência do ritmo frasal, "cantada" no Norte, e normal ou descansada no Sul. Estes espaços admitem seis sub-falares – no Norte: amazônico e nordestino; e no Sul: baiano, fluminense, mineiro e o sulista.

A variação se manifesta com maior evidência no léxico(vocabulário), nas realizações de determinados sons, como o "r", "o", "e", "t" e no ritmo da fala, de maneira a distinguir áreas lingüísticas e falares.

Mas no nível semântico também ocorre esta manifestação. Para denominar uma planta muito conhecida da família da euforbiáceas temos nomeações diversas. Cada região uma denominação. Em Minas Gerais é conhecida como mandioca, no Rio de Janeiro como aipim e em Pernambuco, macaxeira ; evidenciamos pois a manifestação lexical da sinonímia. É relevante lembrar que tal fenômeno se encerra no âmbito geográfico, mas é fundamentado no histórico; uma vez que todas as variações provêm da língua indígena tupi, que por um período breve – durante a colonização – foi largamente utilizada no país.

Percebemos que dentro de uma comunidade ampla, formam-se comunidades lingüísticas menores em torno de centro polarizadores da cultura, política e economia, que acabam por definir os padrões lingüísticos utilizados na região de sua influência.

A globalização é um processo que de certa forma homogeneiza os falares. Uma forma expressiva, que antes era própria de uma região do país; hoje, trazida pela mídia incorpora-se ao falar de regiões distantes. A expressão “ficar para titia” (ficar solteirona, não encontrar casamento) era usada mais na região Sudeste. Nas regiões Norte e Nordeste se falava “ficar vitalina” (em alusão à Santa Vitalina) e “ficar no caritó” (espécie de prateleira rústica, nas casas pobres, onde são colocados os objetos de pouco uso), com o advento da televisão, hoje “ficar vitalina” e “ficar caritó” são usadas mais nas dramaturgias como forma de evidenciar o falar nortista e nordestino.

A região mato-grossense, por exemplo, Antenor Nascentes a considerava incaracterística por ser praticamente despovoada na época em que ele propôs as divisões do falar brasileiro. Hoje, essa região está mais povoada e o falar encontrado nela é muito parecido com os subfalares mineiro e sulista. Encontramos o “r” retroflexo pertinente a tais regiões.

Entendemos que as diferenças lingüísticas entre as regiões são graduais e que nem sempre coincidem com as fronteiras. A definição de áreas lingüísticas fundamenta a indicação de diferenças e identidades, além de estabelecer, pelo confronto, as variáveis sociais ligadas à distribuição espacial.

2.2.3 Variação social

A variação social está relacionada a fatores sociais como etnia, sexo, faixa etária, grau de escolaridade e grupo profissional. Os vários estudos que enfocam este tipo de relação língua/fatores sociais têm privilegiado a variação morfo-sintática ou a morfo-fonológica.

De acordo com RAMOS(1998), na comunidade belorizontina, por exemplo, a forma reduzida do pronome pessoal de 3ª pessoa ele para “eis” e “es” ocorre com maior freqüência e é, portanto, favorecida na fala das pessoas de baixa escolaridade, isto é, que têm apenas o 1º grau.

Fica claro que a variação social não compromete a compreensão entre indivíduos, uma vez que alguns momentos de incoerência são sanados pelo contexto em que a fala se forma.

Não é difícil perceber que a norma culta – por diversas razões de ordem política, econômica, social, cultural – é algo reservado a poucas pessoas no Brasil; talvez porque haja um distanciamento entre as normatizações gramaticais e a obediência dos falantes em seguir tais normas. Há uma indagação implícita neste fato: “Existe alguma disfunção, alguma impossibilidade de uso da gramática normativa pela grande maioria dos falantes?” ou “Estamos apenas a observar a língua como um fator de identidade?”

Sendo esse o caso, a língua como referencial humano traria inúmeras variações, porque decididamente não somos todos iguais e devido ao meio espacial ou social em que estejamos haverá uma tendência da língua em se caracterizar por esses agentes, sendo assim, o indivíduo que protagoniza a fala poderá adequá-la a seu perfil ou ao grupo a que pertence.

Conforme MARTINET(1964) *“uma língua é um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fônica...”*

Comunidades diferentes vivenciam experiências diferentes e isto se reflete nos respectivos sistemas lingüísticos: léxico, morfológico e sintático. Um grupo acadêmico de uma universidade apresentará uma variedade lingüística bem diferente de um grupo de vendedores ambulantes do interior do Brasil. Cada qual usará o recurso lingüístico que lhe foi concebido em seu processo de aprendizagem para efetuar a comunicação.

Do exposto, concluímos que a língua signo/privilegiado de identidade não é um instrumento neutro, um contingente meio de comunicação entre os homens, mas principalmente a expressão de sua diferença.

2.2.4 Variação estilística

O mesmo indivíduo considerada a situação, ou seja, considerando-o em um ambiente familiar, profissional, de maior intimidade com os interlocutores, o tipo de assunto aventado, apresentará variações da língua.

Tendo como norteador as três dimensões de W. BRIGTI – emissor, receptor e situação – entendemos que a identidade do emissor determina as variedades lingüísticas. A do receptor, implica a escolha do tratamento e uma busca de

adaptação, como por exemplo, quando o adulto se dirige a uma criancinha; a situação determina uma variedade menos formal e mais próxima da concepção de entendimento do receptor para que haja comunicação, que é o princípio básico da língua.

Sem levar em conta as graduações intermediárias, é possível identificar dois extremos de estilo: o informal, quando a preocupação com a norma culta é menor, ocorre na comunicação do dia-a-dia e, o formal, quando há grande preocupação com as regras lingüística, utilizada em circunstâncias onde se exige uma postura mais complexa.

Temos vários fatores direcionando a escolha da variação específica para cada ocasião. Dentre alguns destacamos a influência da profissão, que MC DAVID JR., denomina de dimensão decorrente da associação. Uma pessoa pertencente a um grupo profissional, quando desenvolve um léxico altamente especializado, é em certas ocasiões inacessível aos leigos. Isto ocorre no momento em que uma pessoa de baixa escolaridade ouve um diagnóstico médico (feito dentro da nomenclatura específica, mas fora do conhecimento do ouvinte); em um parecer judicial (quando o juiz, promotor, advogado expõem os fatos analisados para um júri, que apesar de ter uma escolaridade média, não consegue apresentar compreensibilidade devido aos inúmeros termos em latim e vocabulário muitas vezes rebuscado).

Notamos que as pessoas tendem a apresentar desvios maiores às normas gramaticais na língua falada, isto talvez pela rapidez com que se efetua a comunicação. Em contraposição, observamos que ao se registrar a língua de forma escrita temos mais cuidado e preocupação em obedecer às normas gramaticais, sem contar que na escrita os desvios ficam mais nítidos do que na fala.

Tomando por base as informações até então, concluímos que as diversas modalidades de variação lingüística não existem isoladamente, há certamente, uma relação mútua entre elas. Uma variante histórica pode resultar em uma variante geográfica; assim como uma variante geográfica pode ser vista como uma variante social ao se considerar a migração entre regiões.

Sendo fato real a coexistência de variedades lingüísticas entendemos que cada forma particular de se manifestar a língua portuguesa no Brasil, é uma variante de uma única vértice . Neste momento vemos o favorecimento e a eleição da norma formal como “certa”, uma vez que é essa a ensinada nas escolas e tida como forma de ascensão social. Não queremos desmerecer a variante formal, sabemos o quão

importante é seu papel de sustentação da língua. Vemo-la num caminhar mais arrastado no processo renovador da língua, pois está sempre presa às estruturas mais antigas por ter raízes mais profundas no português arcaico. Entretanto quando nos deparamos com a priorização do ensinamento da norma culta e o desrespeito as demais variações, vemos também o preconceito lingüístico se formar.

A norma culta está relacionada à linguagem da classe dominante. Todavia, esta classe não é composta por indivíduos de um único meio nem com a mesma formação. Uma minoria sente-se capaz e confiante em utilizá-la.

Mas, há uma grande maioria que utiliza a língua de forma despreocupada; trava a comunicação conforme seu dialeto e dentro de uma prática lingüística eficaz – comprometida com as condições contextuais.

Esta maioria desvincula seu falar da norma padrão promovendo as variações ora de forma ocasional – seu dialeto é inerente à sua formação -; ora de forma intencional – tem a língua como mediação simbólica de sua identidade.

3 A UTILIZAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS DIAS DE HOJE

Nos dias de hoje, encontramos grande variação do nosso idioma dentro de grupos específicos, como os profissionais, que utilizam uma linguagem "própria". É de suma importância expressar-se, seja ao falar, seja ao escrever, para o desempenho do profissional, sua apresentação, sua confirmação no mercado.

Na medicina, na administração de empresas, no Direito, na Informática entre outras, cada vez mais temos expressões características da área.

Uma das profissões que mais chama a atenção quanto a utilização da Língua Portuguesa é o ramo do Direito, pois há excesso de expressões em latim e brocardos, que ao ver dos leigos torna-se algo incompreensível. Embora, muito seja discutido para alterar esta realidade, as mudanças são poucas.

Em outro campo, o da medicina, a situação não é muito diferente. Pacientes que "não entenderam nada" que o médico disse representam a principal queixa feita no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, segundo a presidente, Regina Carvalho. A falha na comunicação, diz ela, é um efeito da linha americana, que revolucionou o ensino médico no mundo todo, a partir dos anos 20, introduzindo as normas de comportamento, a roupa branca, a visão tecnicista e a linguagem de especialista. Para devolver uma abordagem mais ampla à profissão, o conselho vem

propondo reformulações nos currículos das escolas. Nestes casos, o profissional ganhou credibilidade, mas perdeu empatia, não existe a proximidade entre médico e paciente e a maior barreira é a comunicação, a forma como se utiliza, como se emprega a língua portuguesa.

Não há rodeios linguísticos como os dos eufemismos do economês contemporâneo, quando o calote é suavizado como "default" ou, pior, quando o aumento de preço é rebatizado de "reparametrização". "Inflação inercial", conceito que tenta justificar a inflação do presente em razão da passada, foi a expressão que mais feriu os ouvidos do economista Antonio Lanzana, Professor da USP. "Essa criação brasileira empresta um termo da física, o que virou moda em economia. Mas como explicar com a inércia um movimento de preços? Por princípio, é impossível", diz.

"A tradução exige o domínio completo de um conceito, mas é possível usar terminologia acessível sem perder profundidade."

O informatiquês é outro problema, no mundo digitalizado e informatizado são poucos que conseguem se comunicar de maneira "específica".

Estes são pequenos exemplos do que pode surgir dentro de um mesmo idioma, mas em diversos grupos com interesses específicos e, é o que se denomina "Jargão". Jargão é uma expressão ou palavra comum para um ou alguns grupos profissionais. Por exemplo, para os advogados "peticionar" significa o que os leigos conhecem por "entrar com a ação" ou "pedir para o **juiz**". São "gírias" usadas por grupos de profissionais de um mesmo meio: professores, advogados, veterinários, médicos, etc.

O jargão profissional é um jargão caracterizado pela utilização restrita a um círculo profissional, ou seja, um conjunto de termos específicos usados entre pessoas que compartilham a mesma profissão. O jargão profissional não deve ser confundido com a gíria nem com linguagem técnica, embora às vezes sejam usados ao mesmo tempo pelas mesmas pessoas.

Como já vimos são exemplos de jargões profissionais o juridiquês, o economês e o vício do gerundismo próprio dos profissionais de telemarketing e vendas.

Uma outra variação da Língua muito atual no dia de hoje é o "Internetês", que segundo o site de pesquisa Wikipédia é "*um neologismo (de: internet + sufixo ês)*

que designa a linguagem utilizada no meio virtual, em que "as palavras foram abreviadas até o ponto de se transformarem em uma única expressão, duas ou no máximo três letras", onde há "um desmoronamento da pontuação e da acentuação", pelo uso da fonética em detrimento da etimologia, com uso restrito de caracteres e desrespeito às normas gramaticais".

Atualmente avalia-se que entre 170 e 210 milhões de pessoas em todo o mundo falem português. É o oitavo idioma mais falado do planeta (Na América é o terceiro, ficando atrás do inglês e espanhol). É o idioma oficial de sete países:

- Angola
- Brasil
- Cabo Verde
- Guiné Bissau
- Moçambique
- Portugal
- São Tomé e Príncipe

É uma das Línguas oficiais da União Européia desde 1986, quando Portugal integrou este grupo.

4 A IMPORTÂNCIA DO DOMÍNIO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O MERCADO DE TRABALHO

Hoje, sabemos que o mercado de trabalho é muito concorrido e a comunicação é fundamental, tanto na entrevista para garantir o emprego como para mantê-lo.

A Empresa Catho divulgou em seu site uma reportagem sobre o assunto escrita por Thienne Marcondes e, demonstra exatamente a importância da nossa Língua Portuguesa no Mercado de trabalho. Vejamos:

"Uma comunicação mal feita, seja ela escrita ou falada, pode, muitas vezes, colocar a pessoa ou a situação em risco. Se o emissor da mensagem não souber utilizar as palavras certas e nem formar frases concisas, com começo, meio e fim, o receptor pode não entender ou compreender de maneira incorreta a informação, o que, dependendo da situação, pode causar transtornos enormes.

No mundo corporativo, a comunicação é a alma do negócio. Os executivos se comunicam por telefone, pessoalmente, por carta e hoje em dia, principalmente por e-mail. Todos estes meios de comunicação necessitam de um bom conhecimento do idioma português para que haja um entendimento pleno da mensagem.

Para algumas profissões, o domínio da língua é ainda mais exigido. Um vendedor, por exemplo, precisa falar muito bem para vender seu produto, e caso não tenha um bom vocabulário ou não consiga formar frases coesas, pode fazer com que o cliente não se interesse pelo seu produto ou serviço. E aí, adeus venda!

Laila Vanetti, diretora e fundadora da Scritta, empresa que oferece cursos e consultoria em linguagem escrita, faz um alerta: "Falar e escrever bem é uma condição de empregabilidade". Ela lembra que, infelizmente, os departamentos de Recursos Humanos de algumas empresas não se preocupam se o candidato tem um bom conhecimento do seu próprio idioma. "Se, durante um processo seletivo, o profissional escrever a palavra 'através' com z, por exemplo. O RH de algumas empresas não vê isso como um problema, mas sim como um detalhe sem muita importância, afinal, nada que o corretor do computador não resolva...". Segundo Laila, as empresas procuram profissionais que saibam organizar idéias, que tenham argumentos lógicos e que sejam bem articulados.

Mas para o gerente de Recursos Humanos do Hospital e Maternidade São Luiz, Nelson Alvez, não é bem assim. Ele conta que muitos profissionais estão preocupados apenas com o conhecimento técnico de sua área profissional, e se esquecem do domínio da língua. "A comunicação é algo fundamental, e a responsabilidade da clareza é de quem emite o comunicado", explica. Muitas empresas, ao anunciarem uma vaga de emprego, informam os conhecimentos

técnicos necessários para o cargo e o item que parece ser um dos mais importantes: a fluência num segundo idioma - o inglês, na maioria das vezes.

Mas será que, para estas vagas, não é necessário ter o domínio do próprio idioma, no nosso caso, o português? "As empresas pedem domínio numa segunda língua e se esquecem da importância da nossa primeira", brinca Nelson.

OS BENEFÍCIOS DO BOM PORTUGUÊS NA CARREIRA PROFISSIONAL

Alguns cargos e segmentos profissionais exigem mais habilidade em comunicação do que outros. Alguns profissionais precisam falar mais, outros escrever, mas ambos exigem um bom conhecimento do português.

Na comunicação verbal, podem ocorrer erros como, por exemplo: "Para mim fazer", "Seje", "Fazem três dias", "Juntamente com".

E estes "equivocos" podem prejudicar, e muito, o profissional emissor da mensagem, caso o seu receptor tenha um maior domínio do idioma.

Para Nelson, a conversa com um profissional que fala corretamente o seu idioma se desenvolve mais facilmente, pois o profissional está preparado para conversar. "O profissional que domina o seu idioma passa segurança, sabe o que está dizendo e fala com facilidade", complementa.

Falar corretamente é uma vantagem tanto para o profissional quanto para a empresa, já que ela é representada pelos colaboradores. "Um documento sem erros de português e de fácil entendimento, enviado de uma empresa a outra, transmite uma imagem séria da organização", alerta Laila.

Para Nelson, o português correto é uma vantagem ao profissional. "Além do conhecimento técnico da sua área, o profissional tem mais essa habilidade, que permite boas argumentações, bons textos e cartas corretas - fatores importantes para o mercado de trabalho", complementa.

Nelson diz acreditar que, embora algumas empresas valorizem mais o fato do profissional falar e escrever corretamente, dificilmente uma empresa deixará de contratar um profissional qualificado para determinado cargo por causa do português não muito correto. "É um diferencial na hora do recrutamento, mas ainda não é o que decide", alerta ele e lamenta: "Infelizmente, este é um problema de cultura brasileira. O brasileiro precisa se preocupar um pouco com isso", contesta.

O E-MAIL E O PORTUGUÊS

A pesquisa, a contratação, a demissão e a carreira do executivo brasileiro - edição 2002, realizada pelo Grupo Catho com 9.174 executivos brasileiros, mostra que apenas 0,19% dos respondes declararam não utilizar a Internet. O uso da Internet é feito tanto do trabalho (18,28%) como de casa (8,77%); 42,95% acessam de ambos os lugares. O uso do e-mail está diretamente associado à Internet, e este se tornou um dos meios de comunicação mais utilizados dentro das empresas. Pelo correio eletrônico, são trocadas informações que variam desde piadas até informações de grande importância.

O problema é que alguns usuários de e-mails, chats e icqs nem sempre escrevem corretamente. Há o costume de abreviações e substituições como, por exemplo, "tc" em vez de "teclar", ou "kd" em vez de "cadê". "Nem todo mundo sabe o significado destas abreviações, o que pode prejudicar o entendimento das mensagens", afirma Nelson.

Laila explica que há uma maneira formal e uma informal de escrever um e-mail, e diz que o profissional precisa ter bom senso e identificar o seu receptor. "O texto é elaborado de acordo com a pessoa que irá recebê-lo. É preciso fazer uma análise do receptor para saber como escrever o e-mail".

LER É O MELHOR REMÉDIO!

"Para escrever bem, é preciso ler muito". Este é o conselho de Laila Lanetti e de Nelson Alvez.

Nelson diz que é preciso ter persistência e não deixar o meio influenciar. "Muitas vezes, uma pessoa que fala e escreve corretamente e vive num meio onde a maioria das pessoas fala e escreve errado acaba se deixando influenciar por hábitos não-corretos". Segundo Laila, outro aspecto importante é aprender a ler. "Há pessoas que precisam aprender a ler, prestar atenção e saber absorver as informações". E Nelson alerta: "É preciso ler livros bons, e isso temos bastante..."

Thienne Marcondes é repórter do jornal Carreira & Sucesso."

Considerações Finais

A variação de nossa língua é fato incontestável de acordo com a nova lingüística. Vimos que as mudanças foram gradativas desde o nascimento do latim, que é a língua-mãe do português, até o nosso “abrasileiramento” do português vindo de Portugal.

Apresentamos fatores geográficos, históricos, sociais e estilísticos como geradores de transformações e criação de novos falares dentro do território nacional.

Temos a Língua Portuguesa como uma língua viva, apresentando-se internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira acentuada na pronúncia , gramática e vocabulário. Tal diversidade não compromete a unidade da Língua, apesar de acidentada e truculenta a história de sua expansão na Europa e, principalmente, fora dela, a língua Portuguesa conseguiu manter considerável coesão entre as suas variedades.

Entendemos que o crescente distanciamento entre a língua eleita como “certa” e a efetivação nas grandes camadas sociais divergem causando o elitismo de uma e marginalizando as outras possibilidades. Constatarmos a permanência da unidade lingüística, devido à caracteres similares presentes em todas as variações. Toda forma de se expressar possui uma gramática que a estrutura tornando cada variação eficaz no processo da comunicação.

Ciente do poder simbólico das variações o usuário tende a utilizá-la como meio de projeção social, enfim , a Língua Portuguesa torna-se hoje, fator de inserção no mundo atual estimulando o sujeito a ser ativo perante a cultura e história de nossa nação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa: 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental.** MEC/SEF, 1998.

BUDIN, J. e ELIA, Sílvio. **Compêndio de Língua e de Literatura.** 2 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1954.

CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à lingüística.** 7 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

CAMACHO, R. **A variação lingüística. In: Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus.** Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1988.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa.** 12 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1992.

MARTINET, A. **Elementos de lingüística geral.** Trad. de J. Morais-Barbosa. Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1964. (ELG)

NASCENTES, Antenor. **Tesouro da Fraseologia Brasileira.** 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A. , 1966.

PRADO MENDES, Soélis T. (2000) **A ausência de artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: caso de retenção?**, dissertação de mestrado,FALE/UFMG.

RAMOS, Jânia (1998) **“História social do português brasileiro: perspectivas”**, in CASTILHO, A (org.) Para uma história do português brasileiro, SP: Humanitas.

BRANDÃO, Sílvia F. **A GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA NO BRASIL.** Ática, São Paulo, 1991.

CALLOU, D. **VARIAÇÃO E NORMA.** IN: **ANAIS DO II SIMPÓSIO NACIONAL DO GT DE SOCIOLINGÜÍSTICA DA ANPOLL.** Rio de Janeiro, UFRJ/CNPQ., 1995, pp 79-83.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos . **GRAMÁTICA E INTERAÇÃO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA NO PRIMEIRO E SEGUNDO GRAUS.** S.P. Cortez, 1996. pp 41-66

* TEXTOS NA INTERNET